

nelson  
nelson  
nelson  
nelson  
nelson  
nelson  
nelson

augusto  
augusto  
augusto  
augusto  
augusto  
augusto  
augusto

pinturas

5 a 17 de maio de 1975

petite galerie

Em sua primeira mostra individual, Nelson Augusto revela uma obra surpreendentemente madura, com linguagem definida e nível de realização técnica impecável. Situando-se desde o início no polo da abstração, Nelson Augusto começou a expor no final da década passada e, de lá até aqui, vem participando discreta, porém, assiduamente, de mostras coletivas e dos principais salões de arte do país.

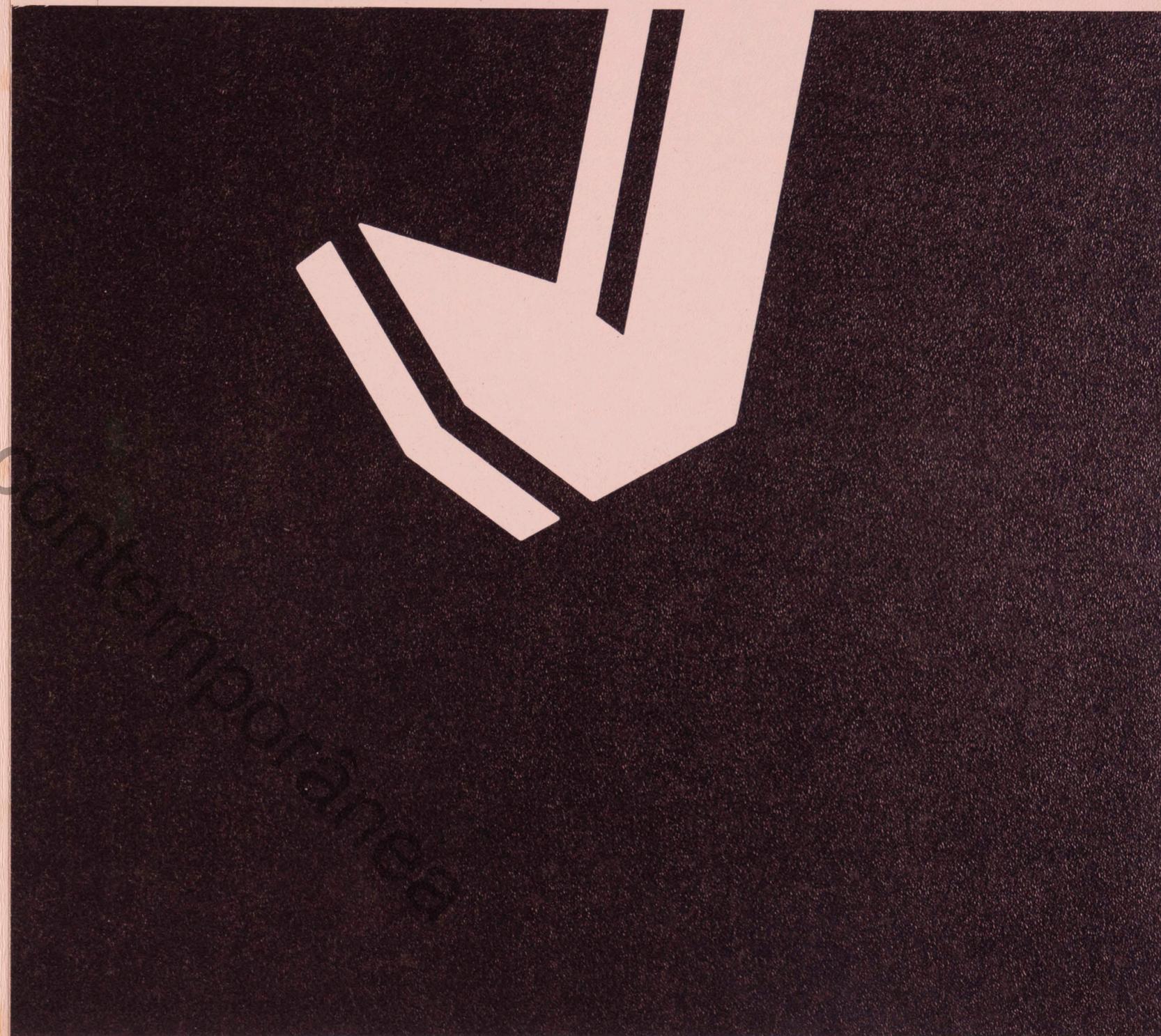
Retraído e arredo como pessoa, um tanto calado, apesar de comunicativo e até bem humorado, Nelson Augusto deve ter transmitido à sua obra estas características. Pois apesar de seus últimos trabalhos serem de grande formato e de o artista usar cores vivas e puras, sua pintura não grita nem agride. Mantém-se discretamente em seu canto, como "projeções da vida sentida." Só assim se explica a quase nenhuma atenção que a crítica especializada tem dado a seu trabalho, que cresceu e amadureceu sózinho, sem o auxílio de mestres (que ele não teve) e sem julgamento dos críticos, que por omissão ou descuido não lhe deram apoio. Deste modo, o artista que a Petite Galerie ora apresenta a seu público passa por ser um novato, o que não é verdadeiro, pois aqueles poucos que, como eu, puderam acompanhar seu trabalho, sabem que algumas etapas foram queimadas na solidão de sua arte. Sobrou, porém, dessas etapas um lastro de coerência interna.

Susanne Langer sugere que a ilusão é o princípio cardinal da arte: um quadro inteiro, diz ela, não é mais que um espaço puramente virtual. Mas esta ilusão não é evasão da realidade, nem um esforço ingênuo por melhorar a natureza, mas a "substância mesma da arte". A imagem artística é ilusória no sentido de que ela não é material, ela existe como uma aparição fugaz, presença momentânea, da mesma maneira como, na natureza, lembra ainda Langer, encontramos "objetos" que são pura aparência – arco-íris ou irizações.

Artista construtivo, Nelson Augusto sabe que arte e natureza são duas harmonias paralelas, cada uma possuindo leis próprias, uma não se submetendo à outra nem se colocando em posição ancilar ou subsidiária. Um quadro tem sua própria realidade – que na arte de construção deve ser clara, de fácil apreensão. Neste sentido, sua preocupação tem sido, desde os primeiros momentos, a de reafirmar o espaço pictórico como sendo algo específico, peculiar. E mesmo se, por um momento, aquela aparição do/no espaço nos remeter a alguma coisa situada fora do quadro – alguma coisa imprecisa, vaga, indefinida, certamente agradável, memória de algo vivido ou sonhando, isto vai mais por conta do espectador, de sua participação imaginativa e mental. Porque em sua pintura, que não é discursiva, Nelson Augusto expressa idéias e expõe fatos, mas idéias e fatos pictóricos, que vivem no interior da tela e ali se esgotam. O artista, deliberadamente restringiu seu "vocabulário" plástico, bem como delimitou rigorosamente seu campo de ação. O suporte (a tela) não é fundo – é espaço. Vale dizer, que não se limita a receber passivamente a "forma". Pelo contrário, estabelece com ela uma relação dinâmica, orgânica, viva. De tal maneira que não se pode dizer mais onde se encontra a forma e onde se encontra o fundo. Onde a forma: na cor ou no branco? Melhor seria dizer que a forma resulta justamente da relação destes dois fatores mutuamente dependentes, um alimentado o outro e nele se completando.

Todos os trabalhos expostos nesta galeria têm o mesmo formato (quadrado) e dimensões (150x150) e são constituídos pelo mesmo tipo de suporte (chassis e tela, que o próprio artista cuida, artesanalmente, de montar). Prevalece sempre uma única cor (que pode ser azul, verde, marron, etc.) ou preto. Esta cor ou não-cor sobre a tela (branca) vai determinar o aparecimento de um sinal ou signo visual. Esta redução do "vocabulário" plástico ao mínimo indispensável e a insistência em um mesmo tipo de solução formal permitem ao artista um aprofundamento das questões por ele mesmo propostas. A ênfase no formato quadrado, o uso de cores não transparentes, a ausência da moldura, tudo isto serve para enfatizar o caráter pictórico de sua pintura, sua materialidade. Sua pintura não funciona jamais como espelho para si próprio ou para os problemas do mundo. Fica claro, porém, que não está excluído in totum o dado subjetivo e mesmo emocional. Se, de quando em vez, identificamos "figuras" tais como garfos, ganchos, naves, bandeiras ou nos lembramos de insignias, logotipos, sinalização urbana, etc., isto resulta de nosso vício em ver tudo fisiognômicamente. Mas a medida que penetramos mais fundamente em seus quadros até mesmo estas sugestões tendem a desaparecer. Percebemos, então, que estes "elementos" visuais não se colocam mecanicamente dentro do espaço, como figuras, mas nascem com ele, são parte dele. E assim extrapolam os cantos e esquinas da tela, para marcar com sua presença o próprio perfil do chassis, que ainda é (ou já é) tela. E muitas vezes é por aí que o espectador começa a penetrar em seus quadros, a vista seguindo o "elemento" visual, que corta rapidamente o espaço da tela, com uma aparição fortuita, momentânea. Ou por outra, é como se o próprio espaço assinalasse sua presença no mundo, na tela maior do mundo, aprisionando um momento de beleza - tempo ou ilusão.

Frederico Morais



# nelson augusto

Rio de Janeiro/Estado do Rio de Janeiro  
19.9.42

1966/1967/1969

Cursos no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

## Exposições coletivas

- 1966 - Salão Nacional de Arte Moderna - MEC/Rio de Janeiro
- 1968 - II Bienal Nacional de Artes Plásticas/Salvador/Bahia
- 1968 - Salão Nacional de Arte Moderna - MEC/Rio de Janeiro
- 1969 - Salão de Verão - MAM/Rio de Janeiro
- 1969 - Salão Nacional de Arte Moderna - MEC/Rio de Janeiro
- 1969 - Salão da Bússola - MAM/Rio de Janeiro
- 1970 - Salão de Verão - MAM/Rio de Janeiro
- 1970 - Salão Nacional de Arte Moderna - MAM/Rio de Janeiro
- 1971 - Salão Nacional de Arte Moderna - MEC/Rio de Janeiro
- 1971 - Salão de Arte da Eletrobrás - MAM/Rio de Janeiro
- 1972 - Salão Nacional de Arte Moderna - MEC/Rio de Janeiro
- 1972 - "Quatro Artistas Jovens" - Galeria IBEU/Rio de Janeiro
- 1972 - 8 Salão de Arte Contemporânea de Campinas - MAC/Campinas
- 1972 - II Semana de Arte Brasileira - Instituto de Educação/Rio de Janeiro
- 1973 - "Indagação sobre a natureza, significado e função da obra de arte"  
Galeria IBEU/Rio de Janeiro
- 1973 - V Salão Nacional de Arte/Belo Horizonte
- 1975 - Salão de Verão - MAM/Rio de Janeiro

## Coleções particulares

Coleção David Rockefeller - N. Y.



**petite galerie**

Rua Barão da Torre, 220 – Rio